



# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1º ciclo do 3º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **POESIA NO PARNASIANISMO**

### **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

### **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

### **Coordenação de Equipe**

Leandro Nascimento

### **Conteudistas**

Simone Lopes

Vanessa Britto

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2013**



## O QUE ENSINAR?

### LEITURA

- Estabelecer relações entre a estética parnasiana e os conceitos da *Belle Époque* e da *Art Nouveau*.
- Reconhecer o ideal estético da arte pela arte em contraposição à análise objetiva da realidade.
- Reconhecer na estética simbolista traços da tendência pessimista do “fim do século”.
- Reconhecer situações de ambiguidade e ironia que decorram do ponto de vista do autor ou eu-lírico.
- Reconhecer a estrutura do soneto e os recursos prosódicos para diferenciá-lo das formas poéticas não fixas.
- Identificar os recursos expressivos do gênero textual canção, reconhecendo sua relação com a poesia e a música.

### USO DA LÍNGUA

- Analisar textos simbolistas, identificando recursos ligados à musicalidade.
- Identificar os efeitos de sentido produzidos pelo emprego de figuras de sintaxe como elipse, anáfora e hipérbato.
- Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.
- Identificar o valor expressivo das interjeições e demais sinais de pontuação.
- Identificar os termos acessórios da oração.

### PRODUÇÃO TEXTUAL

- Produzir paráfrases a partir dos poemas estudados.
- Musicar poemas parnasianos.
- Estabelecer comparações entre poemas simbolistas do século XIX e letras de canções contemporâneas.

## COMO ENSINAR?

Prosseguindo na perspectiva historiográfica da Literatura Brasileira, neste ciclo é estudado o Parnasianismo, vertente da poesia correspondente ao período dos romances realista e naturalista. Contudo, diferente das produções na prosa, atenta às questões sociais e crítica da realidade, a poesia parnasiana recupera a tradição da Antiguidade clássica, voltando-se para o belo e isolando-se das preocupações com os fatos de seu tempo.

O estudo do Parnasianismo é de vital importância para a compreensão da época na qual foi produzido, uma vez que reflete, por meio de sua poética extremamente materialista e conservadora, a mentalidade da elite cultural do final do século XIX: alheia às questões nacionais, mas totalmente vinculada à cultura francesa, de quem importou a *Belle Époque* – momento histórico da França que em nada refletia a realidade cultural brasileira. Por isso, a apropriação feita pelos parnasianos brasileiros resultou em uma arte apartada do real, forjada da cultura francesa, seguindo tendências de uma moda transitória que também se verificava na arquitetura e no design, com a *Art Nouveau*.

A abordagem do Parnasianismo também é importante por suas influências para as estéticas posteriores. Isso porque, apesar das diferenças entre as sociedades francesa e brasileira, esse estilo não conquistou apenas o gosto refinado de nossas elites, como também se tornou popular. O poeta parnasiano gozava de tamanha consideração no pensamento brasileiro que, na fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, os poetas simbolistas, que estavam emergindo, não ocuparam uma só cadeira.

Além da apreciação de questões importantes da época, e ainda tão pertinentes à atualidade, a riqueza linguística desse movimento literário oferece a possibilidade de “pensar a língua e toda a sua carga expressiva”<sup>1</sup>. Isso porque, seus autores – dos quais se destacam Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira (a Tríade Parnasiana) – tomaram a própria palavra seu objeto artístico – a palavra-arte.

---

<sup>1</sup> MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 22.

Para o trabalho com essa poética, são sugeridas duas sequências didáticas que abarcam as habilidades de *Leitura* e *Uso da língua* previstas para o ciclo.

### Sequência didática 1: Os principais traços parnasianos

Nesta primeira sequência didática, foram agrupados dois descritores do eixo *Leitura* e um referente ao eixo *Uso da língua*. Esses três descritores reunidos permitem uma apresentação do texto parnasiano a partir de seus traços mais marcantes, relativos ao apuro formal. Esse modo de introdução tende a facilitar o contato com o Parnasianismo, pois contribui para desfazer a imagem distanciada ou hermética da poesia ao acionar o próprio repertório cultural do aluno.

#### Eixo Leitura

- *Reconhecer o ideal estético da arte pela arte em contraposição à análise objetiva da realidade.*
- *Reconhecer a estrutura do soneto e os recursos prosódicos para diferenciá-lo das formas poéticas não fixas.*

#### Eixo Uso da língua

- *Identificar os efeitos de sentido produzidos pelo emprego de figuras de sintaxe como elipse, anáfora, hipérbato.*

### PASSO 1: RECONHECER O IDEAL ESTÉTICO DA ARTE PELA ARTE NO PARNASIANISMO

É possível começar a abordagem da estética parnasiana por meio de uma atividade de descrição de um objeto artístico, como a que segue:

<i>Dinâmica introdutória</i>	
<i>1º momento</i>	<u>Apresentação do objeto artístico</u>
	O professor pode, por exemplo, exibir a imagem de um vaso aos alunos através de recursos, como retroprojetor ou <i>data show</i> .

<b>2º momento</b>	<u>Pequena produção textual</u>  Em seguida, pode-se solicitar à turma a elaboração de um pequeno texto descritivo a respeito do vaso.
-------------------	--

Com semelhante dinâmica, os alunos assumem a perspectiva dos parnasianos que, voltados para objetos reconhecidamente belos, elaboravam sua poesia para engrandecer a arte. Com efeito, os poetas dessa fase se esforçaram para atender ao princípio da *arte pela arte*, o que significa atenção máxima para o fazer artístico. Para eles, os elementos da existência muito pouco importavam face ao “puro fazer mimético”<sup>2</sup>. Por isso, segundo o crítico Alfredo Bosi, os típicos parnasianos acabaram se especializando numa estética da arte sobre a arte e “deleitando-se na nomeação de alfaías, vasos e leques chineses, flautas gregas, taças de coral, ídolos de gesso em túmulos de mármore...”<sup>3</sup>.

Naturalmente, os alunos podem apresentar algumas dificuldades para o desenvolvimento dos seus textos. Embora o objetivo não seja a escrita de muitas linhas, é importante que o aluno explore o potencial da descrição. Assim, o professor pode estimular a turma a elaborar sentenças, em vez de apenas listas com adjetivos desconexos. Para ajudar os alunos nessa tarefa, é interessante disponibilizar ao lado da imagem uma lista com algumas informações. Dados como o material de que é feito o vaso (cerâmica, louça, porcelana), a origem da peça (grego, chinês etc.), o tamanho, a idade da peça entre outros podem ser úteis.

---

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 219.

<sup>3</sup> idem, p. 221.

<i>Observação de obra de arte</i>	
	<p align="center"><b>Informações para elaboração de texto descritivo</b></p>
	<p><b>Objeto:</b> Vaso</p> <p><b>Origem:</b> Chinesa</p> <p><b>Material:</b> Louça</p> <p><b>Decoração:</b> Pintura feita à mão e detalhes em alto relevo</p> <p><b>Motivos:</b> Flores e folhas estilizadas</p> <p><b>Tamanho da peça:</b> 39 cm de altura 18 cm de diâmetro</p>

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Chinese\\_vase.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Chinese_vase.jpg))

## **PASSO 2: RECONHECER A TENTATIVA DE IMPASSIBILIDADE NA POESIA PARNASIANA**

Depois de os alunos produzirem os textos, o professor pode apresentar o poema *Vaso Chinês*, de Alberto de Oliveira. Novamente, o uso da projeção pode ser útil. Neste caso, para estimular uma análise coletiva do poema. Para começar, vale mencionar que, apesar das grandes diferenças, tanto o texto poético quanto os registros da turma são descritivos. Como recurso, o professor pode listar as características do vaso que os próprios alunos observarem no poema. Essa estratégia tende a facilitar a leitura da poesia.

<i>Elementos do vaso descritos no poema de Alberto de Oliveira</i>	
<i>Vaso Chinês</i>	
Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador <b>sobre o mármore lúcido,</b>	Da 1ª. estrofe, é possível observar o local em que estava o vaso.

<p><b>Entre um leque e o começo de um bordado.</b></p> <p>Fino artista chinês, enamorado, Nele pusera o coração doentio Em <b>rubras flores de um sutil lavrado</b>, Na tinta ardente, de um calor sombrio.</p> <p>Mas, talvez por contraste à desventura, Quem o sabe?... <b>de um velho mandarim</b> Também lá estava a <b>singular figura</b>.</p> <p>Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a, Sentia um não sei quê com aquele chim De <b>olhos cortados à feição de amêndoa</b>.</p>	<p>Da 2ª. estrofe, são descritos os temas e cores (“flores vermelhas”) do delicado desenho da peça (“sutil lavrado”).</p> <p>A partir da 3ª. estrofe, é mencionada a presença de uma figura humana, a de um velho mandarim, alto funcionário no antigo império chinês.</p> <p>Finalmente, no 4º terceto, há ênfase no detalhe dos olhos, comparados a amêndoas.</p>
---	---

Considerando o contato que tiveram com as estéticas romântica e realista nos bimestres anteriores, é provável que os alunos considerem um vaso muito banal para o desenvolvimento de um poema. Nesse momento, importa frisar que o Parnasianismo, diferente do Romantismo e do Realismo, não exibia emoções nem retratava a sociedade, mas se concentrava num tema de reconhecido valor artístico, compondo um retrato ou uma cena. Esse traço revela o empenho de impassibilidade da poética. Com efeito, o poema “Vaso Chinês” é exemplar da concentração máxima em um só objeto, com a desconsideração da subjetividade e do contexto social ou histórico.

### PASSO 3: RECONHECER O RIGOR FORMAL DO PARNASIANISMO

No terceiro passo, importa chamar a atenção da turma para o cuidado na elaboração poética. Tanto a seleção dos vocábulos quanto a adoção da forma fixa do soneto respondem pelo apuro formal do Parnasianismo. Na verdade, os poetas buscavam nos

objetos artísticos e na cultura clássica não apenas temas para descrição, mas modelos para a própria poesia, que deveria ser esculpida e trabalhada tanto como uma joia.

Nesse momento, o professor pode apresentar o poema “Profissão de fé”. Nesse célebre texto, Olavo Bilac<sup>4</sup> aproxima a escrita poética ao trabalho do ourives, sintetizando os princípios da estética.

<i><b>Profissão de fé, de Olavo Bilac</b></i>	
Não quero o Zeus Capitolino Hercúleo e belo, Talhar no mármore divino Com o camartelo.	Torce, aprimora, alteia, lima A frase; e, enfim, No verso de ouro engasta a rima, Como um rubim.
Que outro - não eu! - a pedra corte Para, brutal, Erguer de Atene o altivo porte Descomunal.	Quero que a estrofe cristalina, Dobrada ao jeito Do ourives, saia da oficina Sem um defeito:
Mais que esse vulto extraordinário, Que assombra a vista, Seduz-me um leve relicário De fino artista.	E que o lavor do verso, acaso, Por tão subtil, Possa o lavor lembrar de um vaso De Becerril.
Invejo o ourives quando escrevo: Imito o amor Com que ele, em ouro, o alto relevo Faz de uma flor.	E horas sem conto passo, mudo, O olhar atento, A trabalhar, longe de tudo O pensamento.

<sup>4</sup> Olavo Bilac atuou, ao lado de Machado de Assis e outros escritores, na fundação da Academia Brasileira de Letras, o que aconteceu em 1897. A ABL seguiu os moldes da Academia Francesa. Para mais, ver o *site* da instituição: <http://www.academia.org.br>.



<p>Imito-o. E, pois, nem de Carrara A pedra firo: O alvo cristal, a pedra rara, O ônix prefiro.</p> <p>Por isso, corre, por servir-me, Sobre o papel A pena, como em prata firme Corre o cinzel.</p> <p>Corre; desenha, enfeita a imagem, A idéia veste: Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem Azul-celeste.</p>	<p>Porque o escrever - tanta perícia Tanta requer, Que ofício tal... nem há notícia De outro qualquer.</p> <p>Assim procedo. Minha pena Segue esta norma, Por te servir, Deusa serena, Serena Forma!</p> <p>(...)</p>
--	---

Efetivamente, Bilac adotou tais princípios e uma das maiores provas está nas suas famosas **chaves de ouro**, versos de encerramento dos poemas. Sempre habilidoso na promoção de sensações e imagens, Bilac apelava para combinações precisas de palavras, que resultavam em grandes frases de efeito, conhecidas e repetidas até hoje. Entre elas, “Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas” (“Via Láctea”, soneto XIII).

É relevante esclarecer que as escolhas dos poetas parnasianos partiam do ideal sintetizado nos versos de Bilac, o que justifica o rigor formal da estética. Para dinamizar a aula, o professor pode exibir algumas imagens de joias e um vídeo<sup>5</sup> que mostra a complexidade e delicadeza da confecção desses artigos que, ainda hoje, são desenvolvidos para conferir *status* e promover distinção em seus consumidores.

<sup>5</sup> Na plataforma digital do Ciecjerj, o professor tem acesso a uma seleção de imagens e vídeos que podem contribuir para o trabalho em sala de aula.

Em seguida, pode-se relacionar o cuidado do ourives com o apuro dos poetas. A esse respeito, vale mencionar que, diferentemente dos românticos, os parnasianos buscaram uma métrica menos livre e, portanto, mais marcada. Por isso, a tendência de se contrair as vogais, o que gerou versos mais duros e martelados. Semelhante rigor métrico justificou a predominância na adoção da forma fixa do soneto. O crítico Alfredo Bosi recorda: “nessa época áurea da Academia Brasileira de Letras, a voga imensa do soneto descritivo, ou descritivo-narrativo ou didático-alegórico”<sup>6</sup>. Mais tarde, porém, o Modernismo irá se voltar contra os excessos formais do Parnasianismo. Manuel Bandeira, por exemplo, no poema “Os sapos”, criticará os princípios parnasianos numa sátira à “Profissão de fé”, de Olavo Bilac.

#### **PASSO 4: IDENTIFICAR FIGURAS DE SINTAXE RECORRENTES QUE CONTRIBUEM PARA O APURO FORMAL DA ESTÉTICA**

No quarto passo desta sequência, alguns fragmentos do poema “Vaso Chinês” podem ser destacados para explicitar as figuras de sintaxe, que contribuem para o rigor formal do Parnasianismo e que permitem aos poetas elaborar a escrita tal como o ourives desenha a joia. Entre as figuras mais recorrentes, podem ser mencionadas a elipse, a anáfora e a hipérbato.

<i><b>Figuras de linguagem recorrentes no Parnasianismo</b></i>	
<b>Elipse</b> - omissão de termos facilmente subentendidos por meio do contexto	“Estranho mimo aquele vaso!” (Estranho mimo <b>é</b> aquele vaso!)
<b>Hipérbato</b> - apresentação indireta dos elementos da frase (sujeito, verbo, complementos), visando à elaboração da	“Quem o sabe?... <b>de um velho mandarim</b> <b>Também lá estava a singular figura</b> ”

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 235.

linguagem	<p><i>Na ordem direta dos termos:</i></p> <p>(A singular figura de um velho mandarim também estava lá<sup>7</sup>)</p>
<p><b>Anáfora</b> - repetição de uma ou mais palavras no princípio dos versos ou no início de cada um dos segmentos da frase</p>	<p>_____</p>

A figura da anáfora, também contemplada no ciclo, não ocorre no poema “Vaso Chinês”, mas pode ser observada em outros exemplares da poética, como “Inania Verba”, de Olavo Bilac, “Mal secreto” e “As Pombas”, de Raimundo Correia. Este último consta de nosso Roteiro de Atividades.

É possível destacar para os alunos que, em linhas gerais, a figura da **elipse** atende à sofisticação da linguagem, tornando-a mais próxima da erudição pretendida pela escola parnasiana. A **anáfora**, por sua vez, auxilia no efeito martelado, bem marcado da métrica. Já o **hipérbato** assume grande relevância no Parnasianismo por favorecer a construção de versos rebuscados, contribuir para a rígida contagem das sílabas poéticas e permitir a elaboração de frases de efeito.

Ao final do trabalho desta sequência, é importante verificar se os alunos percebem que a utilização de qualquer recurso estilístico sempre estará relacionada a uma motivação estético-expressiva, o que significa dizer que a compreensão do sentido do texto está a eles diretamente relacionada. Símbolos e metáforas, por exemplo, facilitam a criação de imagens sugestivas. Já o uso de hipérbatos reflete, por exemplo, a preferência dos poetas parnasianos pela linguagem rebuscada. O uso de hipérbatos como um dos possíveis recursos a serem empregados na “chave de ouro” dos sonetos também deve ser observado.

<sup>7</sup> Ainda seria possível mostrar aos alunos a seguinte construção: “também estava lá a figura singular de um velho mandarim”. Embora esta forma não represente rigorosamente a ordem direta, é uma construção mais simples e comum que a utilizada no poema.

Além disso, o professor também precisa notar se a turma compreende que a negação dos sentimentos, a impassibilidade, é uma atitude antirromântica que integra o ideal da arte pela arte, já que os parnasianos consideravam que o sentimentalismo romântico poderia ocultar as “verdadeiras qualidades” da poesia: linguagem apurada e perfeição formal.

### **Sequência didática 2: Contexto social e cultural**

Para esta sequência, foram reunidos um descritor do eixo *Leitura* e dois relativos ao eixo *Uso da língua* que contribuem para o aprofundamento do Parnasianismo. Depois de apresentadas as principais marcas da estética, essa sequência pode auxiliar na compreensão do contexto social e cultural que influenciou as escolhas dos poetas.

#### **Eixo Leitura**

- *Estabelecer relações entre a estética parnasiana e os conceitos da Belle Époque e da Art Nouveau.*

#### **Eixo Uso da língua**

- *Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.*
- *Identificar os termos acessórios da oração.*

### **PASSO 1: RECONHECER A INFLUÊNCIA FRANCESA PARA O BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX**

No ensino de uma tendência estética, é importante abordar o contexto histórico, social e cultural que influenciou os escritores. No caso do Parnasianismo, desenvolvido entre o final do século XIX e início do século XX, a compreensão da *Belle Époque* auxilia a esclarecer e consolidar os traços já levantados a partir do exame do poema “Vaso chinês”, de Alberto de Oliveira. Considerando a grande influência europeia, especialmente

a francesa, na sociedade brasileira desse período, é fundamental comentar sobre essa época com os alunos.

Na França, esse período foi de efervescência cultural, com o surgimento dos cabarês, do *cancan* e do cinema. Do ponto de vista político e social, esse foi um momento de extrema tranquilidade, o que propiciou o enaltecimento do belo, a valorização da forma.

Uma proposta de trabalho sobre essa época é a exibição de fotos atuais do centro do Rio de Janeiro, que também vivenciou sua própria *Belle Époque*. A partir dessas imagens, o professor pode mostrar que prédios luxuosos como o Teatro Municipal, por exemplo, e a Avenida Rio Branco, outrora Avenida Central, estiveram entre as principais obras que redesenharam o centro do Rio, então capital federal. Influenciada pelos acontecimentos na França, a cidade passou por uma série de transformações urbanísticas e culturais. Como exemplo, pode-se comparar as fachadas do mencionado Teatro Municipal e a Casa de Ópera de Paris. É notável como as formas e o requintado acabamento do teatro carioca tiveram como modelo o suntuoso edifício francês.

<i>Fachadas do Teatro Municipal do Rio e da Casa de Ópera de Paris</i>	
 <p>(<a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Theatro_Municipal_do_Rio_22-05-2010-2.JPG">http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Theatro_Municipal_do_Rio_22-05-2010-2.JPG</a>)</p>	 <p>(<a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paris_Oper_um_1900.jpg">http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paris_Oper_um_1900.jpg</a>)</p>
O luxuoso teatro carioca, construído entre os anos de 1905 e 1909.	A Casa de Ópera de Paris, também conhecida como Ópera Garnier

A moda também reproduzia a elegância francesa. De fato, como diz o historiador Nicolau Sevcenko, “O importante na área central da cidade era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo.”<sup>8</sup>. Não por acaso, as volumosas importações de objetos, móveis, roupas, peças teatrais e livros em voga na Europa.

## **PASSO 2: RECONHECER A AUSÊNCIA DA COMPLEXIDADE SOCIAL NA POESIA PARNASIANA**

Em seguida, é interessante mostrar que o processo de embelezamento da cidade não foi tão simples e nem agradou a todos. A *Belle Époque* carioca representou o sonho da Paris tropical e significou a derrubada de vários prédios e casas antigas, movimento conhecido como “bota-abaixo”. Nesse processo, a população mais pobre, expulsa das áreas centrais e sem qualquer indenização, deixou de ser integrada aos avanços da época, o que contribuiu para a formação das favelas.

De acordo com Sevcenko, as condições geográficas da cidade, com seu relevo acidentado e áreas pantanosas, dificultava a expansão de imóveis, já em número insuficiente para atender à crescente população no final do século XIX. Como resultado, habitações lotadas em espaços minúsculos e insalubres. A capital da nova República era foco de varíola, tuberculose, malária e febre amarela, entre outras doenças. Na síntese do historiador: “carência de moradias e alojamentos, falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desemprego, miséria”<sup>9</sup> estavam entre os frutos do crescimento urbano para os mais humildes.

Nomes de destaque na crônica brasileira, como João do Rio e Lima Barreto,<sup>10</sup> levantaram críticas ao acirramento das desigualdades sociais em meio ao progresso. Já na

---

<sup>8</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 35.

<sup>9</sup> Idem. p. 73-74.

<sup>10</sup> Lima Barreto também criticou a escrita parnasiana por considerá-la afetada e artificial. No romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), por exemplo, Lima Barreto satiriza a linguagem rebuscada e difícil dos parnasianos por meio de seu personagem Armando Borges, pseudoescritor que tentava alcançar prestígio copiando expressões eruditas de obras clássicas em seus artigos. Essa narrativa será estudada no próximo bimestre.



poesia, o parnasianismo, voltado para o belo, ignorou esses eventos. O poeta Alberto de Oliveira, por exemplo, teria dito “Eu hoje dou a tudo de ombros, pouco me importam paz ou guerra e não leio jornais”.

Para tornar esse passo ainda mais claro para os alunos, é possível mostrar o vídeo *Desvendando a História – Reforma Pereira Passos*<sup>11</sup>, que aborda a transformação da cidade sob inspiração parisiense. A partir do vídeo, é possível formar um quadro com a síntese das obras de embelezamento da cidade e com as consequências para a população mais humilde. Assim, o aluno visualizaria as duas faces da *Belle Époque* carioca: suas belas fachadas e seus bastidores.

Um incremento valioso seria lançar mão de imagens do Rio de Janeiro antes dessas reformas para compará-las com fotos recentes<sup>12</sup>. A apresentação “antes e depois” pode contribuir para a percepção do aluno da complexidade da transformação ocorrida.

<i>As duas faces da Belle Époque carioca</i>	
Derrubada de mais de 600 casas e prédios antigos (“Bota abaixo”);	Marginalização dos mais pobres, expulsos do centro da cidade;
Largas avenidas;	Favelização;
Importação de artigos franceses;	Carência de moradias;
Teatro Municipal;	Baixos salários;
Escola de Belas Artes (hoje, Museu de Belas Artes);	Revoltas populares como a Revolta da Vacina.
Biblioteca Nacional.	

<sup>11</sup> O vídeo, de apenas 5’ 24”, está disponível na plataforma digital do Cecierj.

<sup>12</sup> É possível utilizar as imagens do *Portal Augusto Malta* (<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>) para fotos históricas e do site *Google maps* (<http://maps.google.com.br/>) para fotos atuais, por exemplo. Augusto Malta registrou as reformas urbanísticas durante a gestão do prefeito Pereira Passos. Segundo o portal da internet, ele foi um fotógrafo que “assumiu o projeto das elites e cujas imagens da cidade ajudaram a construir, para o Rio de Janeiro, o Rio da *Belle Époque*, a imagem de vitrine do Brasil”.

### PASSO 3: IDENTIFICAR AS INFLUÊNCIAS DA ESTÉTICA *ART NOUVEAU* NA POESIA PARNASIANA

Além das grandes obras, essa época testemunhou um impressionante progresso tecnológico. O automóvel, a eletricidade e o cinema são apenas alguns exemplos. Vale mostrar aos alunos que todas essas inovações não encontraram paralelo na história até então. Por isso, a virada do século afetou diversas áreas da atuação humana. Não seria diferente com a arte. A facilidade da reprodução em série de praticamente qualquer coisa levou à necessidade de valorização da singularidade do traço do artista, algo traduzido no rebuscamento dos desenhos e formas da estética *Art Nouveau*. Assim, os desenhos, esculturas e a arquitetura sob essa influência privilegiaram formas orgânicas, femininas, arredondadas e repletas de detalhes. O professor pode mostrar para a turma imagens de fachadas de prédios e de alguns objetos, como joias. Além disso, vale exibir capas de livros, rótulos e cartazes da época, como os produzidos pelo artista tcheco Alphonse Mucha.

#### Exemplos de manifestações *Art Nouveau*



Confeitaria Colombo, no Centro do Rio: inspiração na arquitetura *Art Nouveau*.

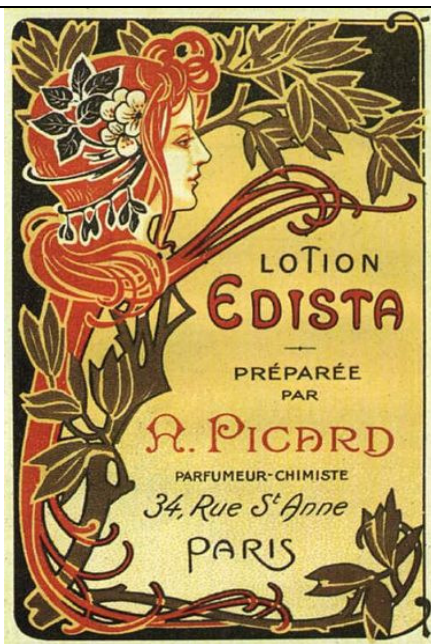
(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ConfeitariaColombo1.jpg>)



Exemplo de vitrine de loja

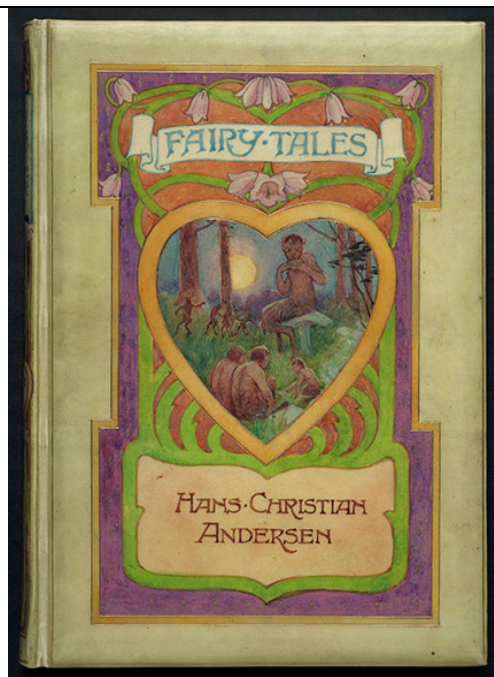
([http://www.flickr.com/photos/george\\_eastman\\_house/3702072820/sizes/o/in/photostream/](http://www.flickr.com/photos/george_eastman_house/3702072820/sizes/o/in/photostream/))





Exemplo de rótulo: traços Art Nouveau

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lotion\\_edista.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lotion_edista.jpg))



Capa de livro infantil

([http://www.flickr.com/photos/nationallibrarynz\\_commons/5352560115/sizes/o/in/photostream/](http://www.flickr.com/photos/nationallibrarynz_commons/5352560115/sizes/o/in/photostream/))

Algumas publicações do início do século XX, como as revistas *Para todos* e *O Malho* também revelavam a tendência *Art Nouveau* nos anúncios publicitários, nas molduras e em outros recursos gráficos. A partir daí, o professor pode comparar essas manifestações artísticas com a poesia parnasiana. Da mesma maneira que nas artes plásticas, a riqueza de detalhes também será a tônica na produção poética. O parnasianismo, então, explorou a utilização dos termos acessórios da oração como um recurso para ornamentação da forma textual. Esses elementos oracionais podem ser mostrados por meio de alguns exemplos da poesia, como no esquema a seguir:

<i>Exemplos de termos acessórios no poema Vaso Chinês</i>	
<p>1ª. estrofe</p> <p>Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,          Casualmente, uma vez, de um perfumado          Contador <b>sobre o mármore lúcido</b>,          Entre um leque e o começo de um bordado.</p>	<p><b>Adjunto adverbial</b> – neste caso, expressando a circunstância de lugar (onde foi visto o vaso)</p>
<p>2ª. estrofe</p> <p>Fino artista chinês, <b>enamorado</b>,          Nele pusera o coração doentio          Em rubras flores de um sutil lavrado,          Na tinta ardente, de um calor sombrio.</p>	<p><b>Aposto</b> – termo ou expressão de valor explicativo. Neste caso, identifica de modo mais preciso o citado artista.</p>
<p>3ª. estrofe</p> <p>Mas, talvez por contraste à desventura,          Quem o sabe?... de um velho mandarim          Também lá estava a <b>singular</b> figura.</p>	<p><b>Adjunto adnominal</b> – termo determinante nominal que expande o significado nuclear. É representado pelas classes gramaticais dos adjetivos (como no exemplo), artigos, pronomes, numerais e até orações transpostas à função adjetiva.</p>

Vale ainda recordar que a presença dos elementos acessórios da oração atendia a outra característica marcante da poética parnasiana: o descritivismo.

**PASSO 4: RECONHECER AS REFERÊNCIAS DA CULTURA CLÁSSICA NA POESIA PARNASIANA**

Outro recurso explorado pelos poetas parnasianos foi a sugestão de imagens mediante o emprego de figuras de linguagem, tais como a metáfora e a metonímia. Vale destacar que as imagens criadas dialogavam com a Antiguidade clássica, referencial para a estética. O próprio nome “Parnasianismo” é uma alusão a uma montanha da Grécia, o Parnaso, considerada, na mitologia, a morada do deus Apolo e das musas da arte. Por isso, é comum a menção de mitos ou de personagens da tradição greco-romana nos textos parnasianos. Para facilitar a compreensão dos alunos, é possível selecionar alguns trechos de poemas que demonstrem a relação da cultura clássica com a escrita parnasiana ou abordar o poema “Vaso Grego”, também de Alberto de Oliveira.

<i>Referências da cultura clássica no poema “Vaso Grego”, de Alberto de Oliveira</i>	
<p>Esta de áureos relevos, trabalhada De <b>divas</b> mãos, brilhante copa, um dia, Já de aos <b>deuses</b> servir como cansada, Vinda do <b>Olimpo</b>, a um novo deus servia. Era o poeta de <b>Teos</b> que o suspendia Então, e, ora repleta ora esvasada, A taça amiga aos dedos seus tinha, Toda de roxas pétalas colmada. Depois... Mas, o lavor da taça admira, Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas Finas hás de lhe ouvir, canora e doce, Ignota voz, qual se da antiga lira Fosse a encantada música das cordas, Qual se essa voz de <b>Anacreonte</b> fosse.</p>	<p>São notáveis as menções às divindades e ao sagrado monte Olimpo, da mitologia grega.</p> <p>Teos, termo citado na 2ª. estrofe, é o nome da cidade natal do poeta Anacreonte, cujas composições se tornaram muito famosas e imitadas na Antiguidade e no Período Bizantino.</p>

Ao final das duas sequências didáticas, se o professor ainda julgar necessário, é possível demonstrar um quadro esquemático com as principais características do Parnasianismo.

<b><i>Principais traços da poética parnasiana</i></b>	
1) Rigor formal	Uso de rimas ricas e raras, métrica perfeita e preferência por formas fixas, especialmente o soneto.
2) “Arte pela arte”	A arte como único fim (“mimese pela mimese”)
3) Purismo e conservadorismo	Utilização do registro culto da língua com construções refinadas e preciosismos
4) Tentativa de impassibilidade	Objetividade nos temas, evitando os arroubos românticos
5) Retomada de valores clássicos	Inspiração nos temas da cultura clássica
6) Descritivismo	Uso abundante de recursos descritivos, criação de imagens plásticas

Ao final do estudo sobre o Parnasianismo, os alunos devem ter compreendido a relação entre o Parnasianismo e o momento histórico no qual se desenvolve esse movimento literário. Saber relacionar corretamente os preceitos da *Art Nouveau*, que floresceu durante o período conhecido sob o nome de *Belle Époque*, à estética parnasiana, é um conhecimento linguístico e cultural que se espera terem adquirido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Para que o professor não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

## LEITURA

- *Estabelecer relações entre a estética parnasiana e os conceitos de Belle Époque e da Art Nouveau.*
- *Reconhecer o ideal estético da arte pela arte em contraposição à análise objetiva da realidade.*
- *Reconhecer a estrutura do soneto e os recursos prosódicos para diferenciá-los das formas poéticas não fixas.*

### Livros teóricos:

- BARROS, Fernando Monteiro de. **Parnasianismo Brasileiro:** conservador e transgressor. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista. V.3, n. 1. Jan/ Jun. 2011. p. 19- 32.

Nesse texto, o autor promove uma análise acerca do Parnasianismo e do contexto histórico e cultural em que a estética se desenvolveu. O ideal de beleza da “arte pela arte” é discutido por vários autores, como Umberto Eco e Antonio Candido.

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994. p. 219- 235.

No capítulo 5 “O Realismo”, o leitor encontra “O Parnasianismo”, que vai desde uma breve abordagem conceitual e histórica, até a explicação de cada autor parnasiano e seus principais textos. O estudo permite uma melhor compreensão da estética do Parnasianismo em Raimundo Correia, Olavo Bilac e, principalmente, Alberto de Oliveira com seus poemas descritivos. Há, também, textos de outros autores até chegar ao neoparnasianismo. No que tange aos neoparnasianos, o leitor tem acesso a uma reflexão crítica sobre a preocupação estética parnasiana e a sociedade.

- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Vol.4.: Estilos de época: era realista/ era de transição. 4 ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1997. p. 4-20, 91-149.

Com profundidade, podemos encontrar uma apresentação social, histórica e literária no início do livro, havendo reflexão sobre o Realismo, Naturalismo e Parnasianismo. No capítulo “A Renovação parnasiana na poesia”, o leitor pode desfrutar dos conhecimentos da poesia filosófico-científica, realista, socialista, até chegar ao advento do Parnasianismo, suas influências literárias e à tríade. Ressalta-se nesse livro os comentários sobre a “arte pela arte”, termo cunhado por Gautier, a origem do Parnasianismo e o conceito de sua poesia na página 13.

- LEDO, Terezinha de Oliveira. **Manual de literatura**: literatura portuguesa, literatura brasileira. São Paulo: DCL, 2003. p. 241-248.

Este livro apresenta a questão histórica e literária do Parnasianismo de maneira resumida. Trata-se de um manual versátil, em que se pode destacar o senso da “arte pela arte”, de Alberto de Oliveira, na reflexão metalinguística do fazer poético, de Olavo Bilac e no tom lírico de Raimundo Correia.

- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de literatura brasileira**: teoria e prática. São Paulo: Rideel, 2003. p. 175-213.

De forma simples e sintética, o leitor pode ter acesso aos autores da tríade parnasiana (Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac) e de seus principais poemas. Em seguida, a autora expõe questões de vestibular sobre o Realismo, Naturalismo e Parnasianismo. É interessante observar os breves comentários sobre descrição de objeto, soneto, rima rica e rima pobre.

- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 35-94.

Neste clássico ensaio, o historiador Nicolau Sevcenko desenvolve uma análise dos principais eventos que marcaram a *Belle Époque* brasileira a partir da produção literária de Lima Barreto e Euclides da Cunha. No primeiro capítulo, o autor discute as transformações urbanas no Rio de Janeiro. O livro ainda contém uma série de fotografias e charges da época.

### **Livros didáticos:**

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. p.p. 238-251.

O segundo volume da coleção aborda a estética parnasiana. No capítulo 4 da terceira unidade, são oferecidos vários exemplos de poemas, com análise dos principais traços do Parnasianismo. O texto ainda disponibiliza imagens relativas ao *Art Nouveau* e traz várias informações sobre o contexto da *Belle Époque*.

- CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português**. São Paulo: Ática, 2010. 2 v. p.p. 179-197.

O capítulo 2 da unidade 4 trata do Parnasianismo por meio de propostas de análises de diferentes poemas. O texto destaca os principais autores brasileiros e ainda sugere atividades que relacionam a estética parnasiana a outros períodos literários e diferentes manifestações artísticas.

- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995. p.222-233.

Com uma explicação direta e simples, o leitor tem acesso aos conceitos da “arte pela arte”, com exemplos poéticos de Raimundo de Oliveira, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira e exercícios.



- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**: da origem aos nossos dias. São Paulo: ed. Scipione, 1998.

O autor trabalha a questão do Parnasianismo a partir da página 201, explicando a teoria até a página 207. Ao longo das páginas, há uma série de exercícios interessantes de interpretação de poesias parnasianas.

- PELLEGRINI, Tânia & FERREIRA, Marina. **Português, palavra e arte**. São Paulo, Atual, 1996.

As autoras apresentam o Parnasianismo com uma riqueza de detalhes entre as páginas 265 a 271.

## USO DA LÍNGUA

- *Identificar os efeitos de sentido produzidos pelo emprego de figuras de sintaxe como elipse, anáfora, hipérbato.*
- *Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.*
- *Identificar os termos acessórios.*

### Livros teóricos:

- BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed., ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 436-460.

Neste livro, o autor oferece um panorama sobre adjunto adverbial, adjunto adnominal e aposto. Há muitos exemplos que contemplam esses termos no cotidiano, dando uma noção abrangente para análise sintática e semântica de um texto.

- CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo, Pioneira, 1989.



A obra tem uma interessante apresentação e explicação das figuras de linguagem. É dedicada ao tema e é recomendável a quem quer se aprofundar.

- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Vol.4.: Estilos de época: era realista/ era de transição. 4 ed. rev e atual. São Paulo: Global, 1997. p. 91-149.

Nesse livro, o autor trata do emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas, tecendo comentários sobre as poesias dos autores do Parnasianismo. Um exemplo disso é encontrado na página 128 ao se referir à obra “Poesias”, de Olavo Bilac.

- CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 619-634.

No capítulo 19, o autor expõe os conceitos das figuras de sintaxe e exemplos literários. Destaca-se a visão da elipse como processo estilístico na página 622, para diversas finalidades, como na descrição de ambientes.

## PRODUÇÃO TEXTUAL

- *Produzir paráfrases a partir dos poemas estudados.*
- *Musicar poemas parnasianos.*

### Livros teóricos:

- BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed., ver. Ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 628-645.
- Neste livro, destacam-se as noções básicas de ritmo, a quantidade de sílabas, os tipos de rimas, a aliteração, o encadeamento, o paralelismo, as estrofes, contribuindo para o estudo da musicalidade poética.

- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e C&A**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. p.17-22.

Neste livro, há uma reflexão metalinguística sobre a paráfrase no capítulo, abordando as diversas concepções de paráfrase. Entre elas, foi citada a visão de paráfrase de Beckson & Ganz na terceira sequência deste trabalho.